



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
 CAMPUS DE CUIABÁ
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPG
 Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq



**CURSO HISTÓRIA E CULTURA DO POVO BORORO NA BAIXADA CUIABANA:
 CONTRIBUIÇÃO DA LEI 11.645/08 NAS ESCOLAS DE CUIABÁ-MT**

O Bororo na História de Mato Grosso: limites das fronteiras e a sobrevivência étnica¹

O povo Bororo já foi a maior nação indígena brasileira desta região central do Brasil ocupando aproximadamente 400 mil km². Habitavam os territórios banhados pelos rios Cuiabá, São Lourenço, Vermelho, Piquiri, Taquari, Alto Rio Araguaia, Garças, Manso ou Das Mortes desde suas nascentes até perto da cidade de Nova Xavantina. Esse território compreendia o que hoje representa a baixada cuiabana e região de Cáceres na fronteira do Brasil com a Bolívia (GRANDO, 2004; OCHOA CAMARGO, 2001).

Muitas cidades surgiram nos territórios à margem desses rios, como: Cuiabá/MT = Ikúia Pá (pesca com arpão), Corumbá/MS = Bakóro Ba (lugar de Bakoro), Coxim/MS = Kótcho Í (cajueiro), Jataí/GO = Jatúgo Í (cajazeiros), Coxipó = Kujibo Pó (Córrego do Mutum), Poxoréu = Pó Tcheréu (água preta) (FERNANDES, 2003).

Antes do contato com o não índio o povo bororo pode ter chegado a somar 10 mil indivíduos que viviam, sobretudo da pesca, caça, coleta de frutas e dos produtos de pequenas roças de milho, mandioca e fumo. A história do contato do não índio com esse povo é construída no entrelaçamento com a própria histórica de Cuiabá e do estado de Mato Grosso (MT), marcada por relações complexas e conflituosas, marcadamente

¹¹ Texto adaptado para fim didático de GRANDO, B. S. Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri-MT. 2004. 357 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

etnocêntricas, consequência de valores que sustentavam e sustentam a cultura ocidental hegemonicamente cristã, capitalista (GRANDO, 2004).

O primeiro contato, oficializado pela literatura, entre Bororo e a sociedade brasileira, ocorreu em 1716 quando Antonio Pires de Campos com sua bandeira na margem do rio Coxipó arrasou uma aldeia bororo, levando centenas de bororo em situação de escravidão para São Paulo, a capital da província que incluía Mato Grosso. Outros contatos haviam ocorrido por jesuítas espanhóis antes disso e:

[...] mesmo o próprio Antonio Pires já havia estado na região em 1675, com seu pai, Manoel de Campos Bicudo. No entanto, a história marca a chegada deste à região somente em 1718, ocasião em que se encontrou com a bandeira de Pascoal Moreira Cabral. Esse bandeirante, ao chegar, nesse mesmo ano, ao rio Coxipó, subiu em direção ao rio Mutuca e descobre ouro, já usado pelos bororo em seus enfeites. Encontram o metal num lugar denominado Forquilha e, a partir disso, Pascoal Moreira Cabral instaura um povoado e é eleito Capitão-Mor das Minas. Em 8 de abril de 1719, lavram a ata de criação do Arraial de Cuiabá, e as guerras contra os índios em luta pela defesa de seus territórios, transforma-se em guerra justa. (GRANDO, 2004, p. 147)

Assim, Cuiabá é construída onde tradicionalmente foi território Bororo, contudo, apesar da expulsão física, a influência da cultura Bororo persiste e não raro encontram-se descendentes de Bororo em Cuiabá. O Morro de Santo Antônio era o morro sagrado para os Bororo e por eles chamado de Toroari¹³¹. O Rio Coxipó deve seu nome a eles, pois chamava-se Ycojibo, palavra de língua Bororo que significa lugar dos pássaros cardeais (FERNANDES, 1993, p. 133).

Antropologicamente os Bororo são classificados como pertencentes ao tronco lingüístico Macro Jê, que abarca cerca de 40 línguas, agrupadas em mais ou menos 12 famílias. Os Bororo foram divididos com a chegada dos bandeirantes, ficando os Bororo Orientais (Coroados ou Porrudos) do lado esquerdo do Rio Cuiabá, e os Bororo Ocidentais (Bororos da Campanha e Cabaçais) do outro lado, considerados extintos no final do século XIX.

Estes [os Bororo Ocidentais] viviam na margem leste do rio Paraguai, onde os jesuítas espanhóis fundaram várias aldeias de missões. As referências dão conta de que, por serem muito amáveis, serviam de guia aos brancos, além de trabalharem nas fazendas da região. Por serem aliados dos bandeirantes, desapareceram como povo, tanto pelas moléstias contraídas quanto pela miscigenação com outros indígenas e brancos. Mas, como ocorreu com outros grupos indígenas, percebe-se que essa miscigenação e mesmo amabilidade não se deu de fato de forma homogênea nem grupal, nesse processo as contaminações, sejam de doenças, língua ou técnicas e costumes, marginalizavam os que haviam trabalhado fora das aldeias, que não mais eram aceitos por seus grupos, nem se identificavam com a

sociedade regional (MAGALHÃES, 1929, RIBEIRO, 1997 apud GRANDO, 2004, p. 148, grifo nosso).

Alguns documentos históricos e pesquisas na área apontam que a Marechal Rondon estabeleceu relações intensas de admiração mútua com os Bororo. Além do trabalho na frente de expansão coordenada por Rondon, os Bororo, graças as suas características, foram utilizados como Corpo de Milícias para a proteção dos colonizadores frente aos demais indígenas.

Bordignon (1987) informa que as últimas notícias sobre os Bororo Ocidentais datam de 1936, “[...] quando foram considerados muito mesclados, mas ainda registrava-se que a aldeia mais importante [do grupo] ficava na Lagoa, cerca de três léguas a oeste de Descalvado, entre o rio Paraguai e o Corixa Grande [...]” (GRANDO, 2004). Eles acabaram dando origem à atual população da região de fronteira com a Bolívia. Alguns remanescentes desses bororo foram para a Aldeia do Perigara, localizada área atualmente identificada como município de Barão do Melgaço.

As relações da frente de expansão com os Bororo Orientais foram caracterizadas pela resistência intensa e conflitante, pois:

Descritos como bravios e indomáveis por dificultarem muito a colonização, resistindo, em seus territórios, à pressão dos militares, tiveram que enfrentar inúmeras investidas das expedições de extermínio organizadas contra eles em diferentes etapas do processo de pacificação (GRANDO, 2004, p. 149)

O tenente Duarte contou com a ajuda de Rosa Bororo, que morava em Cuiabá em situação de quase escravidão, que se ofereceu e pediu para que lhe permitissem acompanhar a coluna do tenente Duarte, numa das batidas contra a aldeia de seu povo. Rosa Bororo intencionava cessar a guerra e salva o resto da nação perseguida. Assim, com a ajuda de Rosa Bororo, em 1886, o primeiro grupo de Bororo depõe as armas e são batizados. Em 1887, mais 400 Bororo depositam suas armas aos pés de Duarte, em Cuiabá, selando a “pacificação”.

A medida seguinte foi reuni-los nas colônias militares e missionárias de Teresa Cristina (na confluência do rio Prata com o São Lourenço) e Isabel (na confluência dos rios Pequiri e São Lourenço). (GRANDO, 2004, p. 150)

Como consequência, a população de aproximadamente 5 mil pessoas nas colônias, no final do século XIX, passam, em 1910, a somar apenas dois mil indivíduos.

O convívio com soldados, a promiscuidade, as inúmeras doenças e o consumo de álcool (estratégia utilizada pelos militares com a distribuição permanente de bebida nas colônias para dismantelar as lideranças bororo) ocasionaram uma redução ainda maior da população. (GRANDO, 2004, p. 150)

A ineficiência e o alto custo para mantê-los reunidos em colônias levou o presidente Manuel José Murtinho a entregá-los aos cuidados dos salesianos (Viertler, 1990). Nesse período 300 Bororo e 25 soldados receberam esses salesianos e, em 1898, [...] toda a tribo abandonou a colônia [e os salesianos] foram dispensados pelo governo, que voltou a oferecer-lhes a administração em 1899. (VIERTLER, 1990, 67 apud GRANDO, 2004).

Nesse processo de intenso contato com os novos ocupantes de seus territórios, os Bororo, divididos em grupos diferenciados, foram estabelecendo suas negociações e mediações de forma autônoma e dinâmica de acordo com as situações e contatos estabelecidos em suas fronteiras.

As inúmeras habilidades dos Bororo, como a de seguir rastros e lutar, e o conhecimento da região foram utilizados pelos não índios nas guerras contra outros povos inimigos. Por sua vez, os salesianos, utilizando da força física dos Bororo, introduziram ao trabalho nas roças que, posteriormente, se constituiu, em virtude da diminuição dos territórios, numa prática mais frequente como forma de subsistência. Essa prática diferenciada, no entanto, tinha referência à prática do cultivo Bororo

com o trabalho dos ornamentos/enfeites, ainda fundamentais para o bororo. Originalmente, além dos frutos, mel e larvas, pesca e caça, os Bororo já exerciam práticas rudimentares no cultivo do milho, algodão e urucum, e utilizavam-se da argila e do algodão para artefatos e utensílios domésticos (GRANDO, 2004, p. 136)

Contudo, as atividades rotineiras dos Bororo enquanto mão-de-obra, como as atividades na roça, não sendo uma prática tradicional, não atende às necessidades dos Bororo para a garantia da sobrevivência do povo e da cultura. Assim, mesmo com todas as pressões vividas desde o início da colonização os Bororo não abriram mão de um padrão de vida aldeado fundamentado em períodos de autonomia relativa dentro do que ainda é possível desenvolver nesse contexto de relação com os não índios (GRANDO, 2004; VIERTLER, 1991).

Assim, diversas estratégias de resistência foram identificadas na história do povo Bororo. Dentre outras expressões de resistência, esse grupo étnico tem garantido as cerimônias funerárias que, observadas desde 1827 entre os Bororo da Campanha, perduram até hoje, exercidas em lugares e tempo que, um olhar descontextualizado e etnocêntrico, levou a compreensão de que elas comprometem as atividades dos Bororo enquanto mão de obra, por outro lado, numa visão contextualizada e de respeito e reconhecimento das diferenças, contata-se que essas cerimônias, reforçam o modo de ser e viver Bororo.

O termo *Bororo* significa, na língua nativa, "pátio da aldeia". Não por acaso, a tradicional disposição circular das casas faz do pátio o centro da aldeia e espaço ritual desse povo, caracterizado por uma complexa organização social e pela riqueza de sua vida cerimonial. Apesar de hoje terem direito a um território descontínuo e descaracterizado, o vigor de sua cultura e sua autonomia política têm atuado como armas contra os efeitos predatórios do contato com o "homem branco", que se estende há pelo menos 300 anos.

Os Bororo se autodenominam *Boe*; o termo "*Bororo*" significa "pátio da aldeia" e atualmente é a denominação oficial. Ao longo da história, outros nomes foram usados para identificar esse povo, tais como: Coxiponé, Araripoconé, Araés, Cuiabá, Coroados, Porrudos, Bororos da Campanha (referente aos que habitavam a região próxima a Cáceres), Bororos Cabaçais (aqueles da região da Bacia do Rio Guaporé), Bororos Orientais e Bororos Ocidentais (divisão arbitrária feita pelo governo do Mato Grosso, no período minerador, que tem o rio Cuiabá como ponto de referência).

Entre suas autodenominações, destacam-se aquelas vinculadas à ocupação territorial: *Bóku Mógórége* ("habitantes do cerrado") são os Bororo das aldeias de Meruri, Sangradouro e Garças; *Itúra Mogorége* ("habitantes das matas") correspondem aos Bororo das aldeias de Jarudori, Pobori e Tadarimana; *Orari Mógo Dóge* ("habitantes das plagas do peixe pintado") remetem aos Bororo das aldeias de Córrego Grande e Piebaga; *Tóri ókua Mogorége* ("habitantes dos sopés da Serra de São Jerônimo") era o nome dado a um grupo atualmente sem aldeia remanescente; *Útugo Kúri Dóge* ("os que usam longas flechas") ou *Kado Mogorége* ("habitantes dos taquarais") são os Bororo da aldeia de Perigara, no Pantanal.

Boe Wadáru é o termo usado pelos Bororo para designar sua língua original; ela já foi classificada como isolada e possivelmente vinculada ao ramo Otuké. Atualmente é enquadrada no tronco lingüístico Macro-Jê e é falada por quase toda a população. Até o final da década de 1970, contudo, crianças e jovens sofriam a imposição de um regime escolar da missão indígena que proibia que se falasse a língua nativa nas aldeias de Meruri e Sangradouro. Um processo de reavaliação e autocrítica dos salesianos culminou no resgate da língua original e do ensino bilingüe. Assim, em todas as aldeias, a maioria da população fala português e bororo. No cotidiano, a língua falada é a nativa, acrescida de neologismos assimilados do português regional, o qual é acionado apenas nos contatos interétnicos.

Atualmente, os Bororo detêm seis Terras Indígenas demarcadas em Mato Grosso, num território descontínuo e descaracterizado, que corresponde a uma área 300

vezes menor do que o território tradicional. As TIs Meruri, Perigara, Sangradouro/Volta Grande e Tadarimana estão registradas e homologadas; a TI Jarudori foi reservada aos índios pelos SPI (Serviço de Proteção ao Índio), mas foi sendo continuamente invadida, a ponto de hoje estar totalmente ocupada por uma cidade; já a TI Teresa Cristina está sob júdice, uma vez que sua delimitação foi derrubada por decreto presidencial.

Na década de 1970, o alto grau de insatisfação dos Bororo fez surgir um movimento reivindicatório pela recuperação de suas terras tradicionais e pela melhoria dos serviços de saúde e educação. Um caso emblemático desse movimento foi a luta pela terra do Meruri, que culminou no famoso massacre levado a cabo pelos fazendeiros de General Carneiro. No momento, o movimento congrega todas as aldeias Bororo e busca solucionar as questões fundiárias das áreas de Teresa Cristina, Jarudori e Sangradouro. Outra importante reivindicação tem sido a inclusão dos Bororo nos EIA/Rimas (Estudo e Relatório de Impacto Ambiental) das Hidrovias Paraguai-Paraná e Araguaia-Tocantins. Lutam, ainda, pela alteração do traçado da ferrovia Ferronorte, nas imediações da área Teresa Cristina.

Temos como dados demográficos a seguinte situação da distribuição da população Bororo por área e por bacia hidrográfica, sendo que dados da Funasa revelam que a população Bororo chegou a 1.392 pessoas em 2006.

Terra Indígena	Aldeia	População
TI MERURI	Meruri Garças	328 61
TI SANGRADOURO (Xavante)	"Morada Bororo" (ocupada pelos Xavante, essa área não é reconhecida como bororo)	63
BACIA DO RIO ARAGUAIA		
TI JARUDORI	(Área Indígena totalmente ocupada pela cidade Jarudore)	-----
TI TADARIMANA	Tadariamana; Pobori; Paulista; Praiã; Jurigue	173
TI TERESA CRISTINA	Córrego Grande Piebaga	254 66
TI PERIGARA	Perigara	79
BACIA DO RIO SÃO LOURENÇO		572
POPULAÇÃO TOTAL		1.024

Fonte : Missão Salesiana, 1997 e Saúde/Funai/ADR Rondonópolis,1997.

Por fim destacamos que a relação dos Bororo contra a perda de seus traços culturais, mantida ao longo do processo de contato, chama a atenção pela sua especificidade e originalidade. Segundo a antropóloga Sylvia Caiuby Novaes, "Através destes rituais os bororos transgridem a ordem que se quer estabelecer para eles e se

contrapõem, firmemente, à 'harmoniosa integração à sociedade nacional'" (1993:132-133).